

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CONTRUÇÃO DE IDENTIDADE: OS ENREDOS NEGROS DA ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE UNIDA DA MOOCA

Emerson Porto Ferreira
Unesp – Assis
setaesquerda@gmail.com

Resumo: Este estudo visa analisar o discurso antirracista da escola de samba Mocidade Unida da Mooca nos desfiles de 2018 e 2020, ambos idealizados pelo carnavalesco André Rodrigues. Esses desfiles comungam na afirmação da identidade negra em dois aspectos: na busca pelo combate à intolerância religiosa, que se observa nos enredos *Santíssima Trindade de Oyó*, de 2018, e *A ópera negra de Abdias Nascimento*, de 2020, este voltado à luta racial na obra de Abdias. Os dois eventos em análise caminham na premissa da afirmação política do carnaval e da evidenciação e reparação de lacunas em temas que foram apagados ou silenciados na sociedade, o que torna tais desfiles manifestos políticos nessa luta. Portanto, aprofundaremos esses a partir dos seus sambas-enredo, sinopses, desfile e entrevista realizada com o carnavalesco responsável.

Palavras-chave: Negritude, Escola de samba, Identidade.

Encruzilhadas de perspectivas identitárias

Estudar uma escola de samba é um processo de pesquisa marcado por múltiplos desafios. Por ser um organismo em constante mudança, suas identidades e memórias são atravessadas por inúmeras encruzilhadas e caminhos, principalmente no que se refere aos profissionais que a compõem. Destes, o carnavalesco talvez seja o indivíduo mais emblemático, pois todo o desenvolvimento da agremiação passa pela sua mente.

No caso da escola de samba que será abordada neste artigo, constata-se uma grande complexidade de observação e análise, primeiro por ser uma instituição que passou por algumas crises em seus desfiles, estabilizando-se de fato apenas em 2017, com uma nova proposta de apresentação. E um segundo desafio se encontra na falta de uma identidade bem definida de seu discurso de enredo.

A Mocidade Unida da Mooca (MUM), localizada no bairro homônimo, possui em seu tecido social uma forte ligação com a ideia da italianidade, trazendo poucos enredos que falem da negritude, fato este que se altera com a chegada de André Rodrigues. Coube a esse carnavalesco, de forma indireta, o papel de cruzar sua própria experiência e vivência em sociedade com a realidade da escola da Zona Leste; como resultado, uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nova sequência temática de enredos alterou a forma como a Mooca se veria dali para frente.

No lugar de uma indefinição ou ausência de identidade, a escola passou a adotar um discurso militante, politizado e voltado ao combate ao racismo e ao genocídio do negro no Brasil. Na presente análise, abordaremos os enredos de 2018, *A santíssima trindade de Oyó*, e o de 2020, *A ópera negra de Abdias Nascimento*. Nestes dois desfiles, a agremiação assume um tom questionador e de opinião incisiva de enfrentamento à intolerância religiosa, ao racismo e ao genocídio do corpo preto. O artigo será dividido em três momentos: iniciaremos com questionamentos acerca do racismo no contexto brasileiro; partiremos para o entendimento do processo de criação dos referidos desfiles – apoiados em uma entrevista com André Rodrigues; e, por fim, discutiremos como essa idealização foi apresentada na avenida.

Processos de um genocídio: mecanismos de apagamento

Sidnei Nogueira, em *Intolerância Religiosa (2020)*, aponta que o processo discriminatório se constrói sob inúmeros outros processos, tendo um deles a intolerância religiosa como importante arma. A intolerância opera dentro de um propósito de cunho racista e etnocêntrico ao estabelecer um tipo correto e esclarecido de religião – o qual se adequa a um processo de civilização e que ainda perpassa uma lógica colonizada. Por isso mesmo, a matriz afro é posta como demonizada, uma feitiçaria de um povo sem esclarecimento. Essa concepção estrutura uma visão de que o católico – ou a religião do branco – seja o correto, ao passo que a crença preta é punida e perseguida, em um localismo colonial e eurocentrado.

Negar a matriz africana é selecionar sua autonomia e condição de soberania. O terreiro é, assim, um “espaço de existência, resistência e (re) existência. Um espaço político” (NOGUEIRA, 2020, s/p), entendendo o poder e a repressão que se colocam sobre a negritude, contrariando a própria ideia de laicidade do Estado e legitimando de forma não oficial o ataque e a perseguição a candomblecistas e umbandistas. Esse processo cria, portanto, uma visão maniqueísta que fere o direito constitucional de escolha e livre arbítrio do que seguir como fé, afetando negativamente o individual e o coletivo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O processo de naturalização da intolerância orbita em torno da normalização do cristianismo como uma religião de Estado – que se faz dentro de um país laico. Esse processo de “cristianização da sociedade é mais do que um movimento de fé, trata-se efetivamente de um projeto de poder” (NOGUEIRA, 2020, s/p) que edificou um olhar de inferioridade às manifestações negras, especialmente aquelas que enfrentam a lógica da estética e performance e colocam o preto como agente de ação e protagonismo, isso dentro de suas próprias sedimentações e fora do contexto colonizador cristão. A isso, o autor conceitua como *cristãocracia*, cujo fundamento coloca o poder do cristão como fator lógico, inclusive acima do constitucional.

O processo de intolerância visa alimentar uma ideia maniqueísta e de consolidação de um poder imaginado que, dentro do tecido social, legitima-se por meio da lógica racista, colocando um estigma e um rótulo insolúvel ao que é de cultura africana ou afro-brasileira e promovendo a exclusão e a segregação de um corpo que é moldado como o errado, ou o que deve ser consertado (ou apagado). Essa perspectiva orbita na negação do outro em uma ação criada e imaginada de um grupo sobre o outro, processo que opera na ilusão de uma *democracia racial* impulsionada por uma ideia de harmonia.

Em *Rediscutindo a mestiçagem* (1999), Kabenguele Munanga argumenta que o processo de construção do “Outro” nada mais é do que um complemento da *democracia racial*. Em nome de uma unidade nacional, constrói-se o silenciamento de outro povos e raças, em uma repressão assumida pela sociedade. A construção desse mito leva a não existência de uma política de inserção do negro em sociedade, colocando-os em uma condição de espólio de seu corpo e sua cultura para assumir outra personalidade. Nega-se sua ancestralidade, religião, gostos e estética porque eles não harmonizam com o conceito criado de sociedade.

Essa lógica tem como gerador a “falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva, enquadrando segmentos politicamente excluídos da participação política e da distribuição equitativa do produto social” (MUNANGA, 1999, p. 101), e é por isso que existe uma tolerância à prática religiosa de matriz africana, ao corpo e à cultura. Há um cinismo pré-montado de aceitar o que o preto construiu, porém quase sempre com uma limitação ao empoderamento e à autonomia de seu futuro. Cria-

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

se a *raça brasil*: harmoniosa em seu passado, entre seus membros, porém que escondeu e massacrou este “Outro”.

Como aponta Lélia Gonzalez (2009), o processo de uma democracia racial deveria sair de uma utopia e de fato se construir como uma realidade. A construção de uma identidade brasileira não pode excluir em nenhuma hipótese o que constitui a memória dos povos originários e do pretos e pretas do Brasil. É um processo que deve sair, portanto, das mãos exatamente de quem construiu esse mito: a branquidade em seus variados conglomerados de poder, visto que “eles não estão a fim de desenvolver um trabalho no sentido da construção de uma nacionalidade brasileira; nacionalidade esta que implicará efetivamente na incorporação da cultura negra” (GONZALEZ, 2009, p. 223).

Abdias Nascimento, em *O genocídio do negro brasileiro* (2016), discorre que a lógica do racismo passa por uma construção histórica do afastamento do povo preto de qualquer ação de inserção ou respeito perante o Estado. O processo de uma *democracia racial* ocasionou uma falsa sensação de inclusão calcada em estereótipos e na minimização da violência física, abuso do corpo feminino e no clareamento da população. A estigmatização do negro perpassa uma visão de inferioridade promovida por vários intelectuais que aprofundam e disseminam “teorias” de como se livrar da “mancha negra” no Brasil.

Como pontua o autor, o processo de afirmação do negro frente a esse processo tende a uma relatividade de suas ações: “a camada dominante simplesmente considera qualquer movimento de conscientização afro-brasileiro como ameaça ou agressão retaliativa” (NASCIMENTO, 2016, p. 94), como se propusesse a superioridade de sua cultura, no que se costuma assumir como racismo inverso ou imposição de uma agenda de discussão. Dentro de uma sociedade racista, é preferível negar o negro de qualquer possibilidade de identificação com o seu passado.

A persistência em negar a pauta racial e o que ela move constrói a constante invisibilidade de que somos um país multifacetado e fortifica a lógica do mito de uma *democracia racial*. Quando um grupo nega esse fato, ele se torna cúmplice do descaso com a negritude – o que faz da escola de samba um importante instrumento de denúncia dessa realidade: seja por sua origem ou importância sociopolítica, seja por expor de variadas maneiras e em temas distintos a condição e a cultura do negro no país –; a questão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

racial e os seus desdobramentos não devem ser silenciados dentro de qualquer instituição, no coletivo ou no privado.

Empoderamento na prática: a construção dos enredos da Mocidade Unida da Mooca

A MUM é uma agremiação que nasceu em 1987, no bairro de transição entre a área central e a Zona Leste de São Paulo, a Mooca. Em tese, a formação identitária do bairro orbita entre uma italianidade e um certo “folclorismo” em torno da região, um espaço construído a partir de uma ideia da branquidade. É um contexto que, mesmo que indiretamente, esteve presente nos enredos da escola de samba, que transitaram entre temas mais leves, jocosos e os que abordam a própria Mooca e a italianidade. No entanto, é uma perspectiva temática que se transformou com a chegada do carnavalesco André Rodrigues.

André é carioca, de formação artística autodidata, que ele aprendeu graças à paixão de sua mãe pelo carnaval, esta que o inseriu nesse universo. Ele passou por diversas agremiações, sendo a primeira a Lins Imperial, na qual trabalhou no processo de criação em 2007. O currículo de André Rodrigues ainda traz as escolas de samba Paraíso do Tuiuti, Unidos de Vila Isabel, Acadêmicos do Grande Rio e União da Ilha. Em São Paulo, integrou, em 2015, o grupo de criação do carnavalesco Alexandre Louzada para o desfile da Vai-Vai e também contribuiu no processo de criação visual da Águia de Ouro e da Mocidade. Mas sua estreia como carnavalesco ocorreu na Independente Tricolor, no enredo sobre Shaka Zulu, em um tom de empoderamento do negro.

Como o próprio carnavalesco explica, sua chegada ao carnaval paulistano – principalmente com seu trabalho na Vai-Vai –, acabou promovendo a ele uma outra perspectiva de se entender como preto em sociedade:

A Vai-Vai me tornou preto. Eu já era preto pela vida, pelas coisas que a vida me fazia, mas eu não era um preto consciente do que é ser preto no geral. Eu era preto porque eu tinha noção do que é racismo, eu era preto porque eu já tinha sofrido racismo. Eu era preto porque eu não tinha o meu espaço, o espaço que eu frequentava não era o mesmo espaço que os brancos frequentavam. Eu era preto por uma série de questões da vida, mas você se entender preto e entender que o carnaval é um espaço preto, entender da importância de você estar ali... e aí na época era engraçado, porque a Vai-Vai estava no auge de ser aquela escola de empáfia e tudo mais, eu comecei a ver a empáfia da Vai-Vai como um lugar de segurança, do tipo: respeita, eu sou esse preto que vocês têm

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que respeitar, vocês têm que respeitar a minha história (RODRIGUES, 2021, s/p).

Esse “se assumir dentro da negritude” interfere direta ou indiretamente em seus enredos na MUM. André se insere no carnaval da escola em 2017 para o desfile de 2018. Cabe ressaltar que a escolha de um carnavalesco influencia muito o processo de criação de um carnaval. Como aponta Leila Blass (2007), o carnavalesco é o mestre de obras que fiscaliza a produção de uma escola de samba.

Ao se criar um laço entre carnavalesco e escola de samba, múltiplos processos se hibridizam, entre eles os aspectos de identidade. Como podemos analisar, a princípio, o que o carnavalesco e a agremiação têm em sua sedimentação parecem opostos, mas, dentro da lógica de competição, ambos os lados convergem para benefícios mútuos. Nas palavras de Blass (2007, p. 58), “a produção de um desfile de carnaval por uma grande escola de samba, ao se pautar em diretrizes tradicionais, remeteria às chamadas propostas modernas de gestão e produção e do trabalho, conhecidas como novos paradigmas da produção”.

O que queremos pontuar é que, indiretamente, a produção e formação de vida de André Rodrigues causou um ponto de ignição na forma como a MUM abordava seu discurso e enxergava sua identidade. A fala do carnavalesco demonstra essa mudança de visada da instituição:

Para mim, a escola tem que começar a se mostrar como uma escola madura, até porque, se a gente tem uma ideia de fazer a escola subir, ela tem que subir com o porte e com o respeito de uma escola que faz um grande trabalho. E aí, vamos lá, como a Mooca vai querer ser vista a partir do momento em que ela cresce? O que vai ser a Mocidade da Mooca? Ela vai ser uma escola que tem dinheiro, ela vai ser uma escola luxuosa? O que ela traz além disso? Porque luxo por luxo, dinheiro por dinheiro, várias outras escolas podem apresentar.

Podemos perceber a construção de uma narrativa mais contemporânea de abordar o carnaval na concepção de seus enredos, sobretudo quando André coloca que a MUM deve se portar como uma escola de protagonismo dentro dessa festividade, e que isso não significa se tornar uma agremiação luxuosa ou desfilar apenas por desfilar. O que está em questão é a imagem que a escola quer ter no carnaval: como uma instituição de luxo e de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

alegorias grandiosas ou como uma escola que carrega um propósito e um discurso próprio em sua identidade?

Por isso, os três enredos idealizados por ele servem de ignição para a construção de uma nova perspectiva de escola de samba para a MUM. Se, antes, ela apenas desfilava com uma boa organização e um poder financeiro confortável, a partir da passagem de André Rodrigues, a instituição toma para si, mesmo que de forma implícita, o discurso do carnavalesco. O que nos faz chegar ao contexto de produção do desfile de 2018.

Para o carnaval desse ano, a agremiação levou o enredo *A Santíssima trindade de Oyó*, quando, pela primeira vez, abordou a questão da religiosidade no geral. A ideia do enredo foi do próprio André Rodrigues, que propôs um novo viés de autoimagem para a escola. Nas palavras do carnavalesco, “esse enredo é a cara da Mooca, essa forma de desfilar vai ser a cara da Mooca, esse tipo de discurso vai ser a cara da Mooca” (RODRIGUES, 2021 – em entrevista), ou seja, foi uma decisão que refletiu a personalidade dele e seu propósito de abordar um assunto mais sério com uma pegada artística.

Por mais que o título dê ênfase a Xangô, a ideia do carnavalesco foi a de diluir o enredo nas três representações sincretizadas do Orixá: São Jerônimo, representado na justiça; São João Batista, que é apresentado na simbologia do fogo; e São Pedro, com a concepção da firmeza e da rocha. As três características são inseridas na imagem de Xangô, o Rei de Oyó e o orixá mais cultuado pelas religiões de matriz afro-brasileira. Não abordar Xangô de forma direta foi uma decisão de André: “eu prefiro o tom apaziguador das coisas, eu não tomo a africanidade por completo no desfile, porque não é a cara da escola, eu acho que a escola não tem corpo naquele momento para levar isso” (RODRIGUES, 2021 – em entrevista).

A opção pelo sincretismo conversa com a própria visão de Abdias Nascimento (2016), para quem a intolerância religiosa é um dos vários modos de violência ao direito individual enfrentados pela população negra em condição de escravidão. O sincretismo se tornou uma necessidade para proteger determinadas vertentes religiosas perante os ataques em sociedade, sendo que “as religiões africanas, efetivamente postas fora da lei pelo Brasil oficial, só puderam ser preservadas através do recurso do sincretismo (NASCIMENTO, 2016, p. 133); ou seja, é um instrumento que não se desenvolveu de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

forma natural ou orgânica, mas como um forma de defesa e de combate a uma imposição religiosa cristã. E, nesse sincretismo, o culto a Xangô foi um dos pilares para a manutenção de tais saberes. Nesse sentido, André Rodrigues (2021 – em entrevista) comenta que a pretensão foi

[...] a difusão de Xangô no país, porque o Xangô vai ser o orixá que, dentro do sincretismo brasileiro, vai ter mais assimilações. No momento, eu faço com São Pedro, Santo Antônio e São Jerônimo, que aí eu divido pelas três qualidades de Xangô, que é o Xangô mais velho, Xangô menino e o Xangô mesmo. E aí, eu junto essas três qualidades com os três santos que já são referidos a eles. E aí eu dou uma diluída muito grande, o que faz com que a escola assimile essa maneira de pensar o orixá de uma maneira mais leve.

Portanto, o enredo de 2018 sobre os sincretismos de Xangô assume um discurso de vida do carnavalesco e reflete uma decisão de mudança por parte da escola, e, quando a MUM se posiciona enquanto um espaço para essa discussão, ela movimenta, em seu poder de voz, um discurso antirracista e de combate à intolerância religiosa. Ao aproximar esses discursos, mesmo que de maneira utópica, evidenciam-se outras perspectivas de sociedade e de liberdade, como Rodrigues (2021 – em entrevista) comenta: “o desfile em si possui de mais importante, mais do que a ideia plástica, o seu discurso. Ele dá uma entrada em um discurso muito mais sério que era debatido na escola, a intolerância religiosa”.

No ano seguinte, embora André não tenha sido responsável pelo desenvolvimento do desfile, a escolha do enredo – intitulado *Manto Sagrado* – passou pela sua criação e fez reverência à edificação do samba paulista, tendo o pavilhão como ponto de argumento principal. Assim, chegamos no ano de 2019, quando se oficializa o enredo *A ópera negra de Abdias Nascimento* para o carnaval de 2020. O enredo, que abordaria a história de luta de Abdias, é visto como o mais potente já produzido pela escola e mescla o amadurecimento do carnavalesco e da agremiação.

Inicialmente, o enredo daquele ano não seria sobre Abdias, pois a instituição pretendia manter a linha temática que vinha abordando e, por isso, sugeriu tratar da história de Aquatune, dentro de uma abordagem indígena e trazendo a negritude como pano de fundo. No entanto, não foi o que se desenvolveu. A decisão por tratar de Abdias

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

acabou assumindo de fato que a visão assumida pela escola correspondia a projeto pessoal de André Rodrigues, responsável pela sugestão do tema escolhido definitivamente.

Aí eu falei para ele: o enredo se chama A Ópera Negra de Abdias Nascimento. E aí eles não sabiam quem era Abdias. Eles amaram o título, de cara eles ficaram loucos com o título. E aí eles vão para casa, começam a pesquisar a vida do Abdias por conta própria, e aí eles começam a mandar os *feedbacks*. Aí são as coisas mais lindas: meu Deus, como a gente não conhece esse cara? Que coisa louca. E aí eles vão falando com algumas outras pessoas e vai virando um movimento muito lindo na escola de pensar “como ninguém conhecia o Abdias?”. Eu já queria fazer um enredo do Abdias por isso, porque eu conheço o Abdias de quando eu pesquisava sobre o teatro negro no país. Na verdade, sobre as óperas negras do país (RODRIGUES, 2021 – em entrevista).

Percebemos, então, que o enredo sobre Abdias Nascimento seria uma forma de a agremiação assumir efetivamente uma narrativa de negritude, mas, acima disso, adotar um discurso antirracista que se iniciou na intolerância religiosa, passou pela ideia de ancestralidade e, agora, edificava-se no âmbito do combate ao racismo em um enredo que reflete a própria experiência e visão de sociedade do carnavalesco.

Talvez a posição da escola não seja uma extensão do pensamento do carnavalesco, porém é notável a existência de uma simbiose entre o artista e a comunidade da escola. O próprio carnavalesco dá a entender esse cenário:

[...] é a minha vivência. Aí parte do André artista que leva esse discurso consigo. Eu trago comigo ser um artista que traz essas narrativas negras e tudo mais. E aí tomo o desfile do Abdias como o grande projeto da minha vida. Eu queria que aquele desfile fosse o meu maior projeto de carnaval até então (RODRIGUES, 2021 – em entrevista).

O processo de construção do enredo perpassa a ideia do teatro, em especial o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado por Abdias Nascimento em 1944. Tratar da questão racial nos palcos foi uma ideia cuja premissa era permitir aos negros ocupar espaços que lhes foram negados ao longo da história. O TEN pretendia, por meio da arte, colocar em evidência o negro de qualquer nível social.

Na visão do próprio Abdias, o TEN buscava promover a quebra da construção da *democracia racial*. Quando se tenta romper uma *branquificação coercitiva*, as estratégias devem priorizar um confronto de ideias, uma vez que o negro sempre será posto como inferior ou sem importância em um discurso de nação (NASCIMENTO, 2019). Nessa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ideia de naturalização do racismo, o TEN foi “fiel à sua orientação pragmática e dinâmica, [...] evitou sempre adquirir a forma anquilosada e imobilista de uma instituição acadêmica” (NASCIMENTO, 2019, p. 163).

Desta maneira, o enredo sobre o Abdias Nascimento se tornou um verdadeiro espaço de confronto à realidade racial brasileira. Ao se apropriar da luta e dos palcos de batalha da vida do ator, a escola promoveu uma série de debates, manifestações e um posicionamento reativo; ou seja, novamente, de forma implícita, a MUM se inseriu na ótica de sociedade de seu carnavalesco.

Dois desses momentos de incentivo à reflexão promovidos pela agremiação foram: o lançamento do enredo, que contou com diversas personalidades do Movimento Negro que expuseram a luta antirracista e contaram da importância de Abdias Nascimento para sua formação; e o dia do lançamento do álbum de sambas-enredos, promovido pela liga gestora do carnaval. Nesse evento, membros da escola levaram duas faixas em forma de protesto, sendo que um deles trazia os dizeres “*Paraisópolis Vive*”, em alusão à chacina de Paraisópolis que vitimou dez jovens que estavam em um baile *funk*, e o outro cartaz estampava a frase “*Vidas negras importam*”.

Contudo, o mais interessante desse movimento é que ele não partiu do carnavalesco, mas da própria agremiação:

Porque quando a escola faz o lançamento do CD na Fábrica de Samba, e ela faz um protesto por causa dos assassinatos na Brasilândia, aquilo não fui eu que fiz. Eu mal sabia daquilo. Eu acho que eu soube daquilo foi um dia antes ou dois dias antes. E aí eu comecei a falar assim: caralho, esses caras são muito loucos. Eles vão fazer isso? E, na época, tinha acabado de acontecer, então o debate estava muito forte em cima disso, e foi a escola que fez, eu não fiz isso. Foram eles mesmos que fizeram, então eles já estavam com esse discurso muito forte, muito potente. E foi lindo, porque das coisas que mais alavancou o enredo foi esse lançamento do samba (RODRIGUES, 2020 – em entrevista).

Esses dois eventos mostram como essa construção de identidade impulsionada pelo discurso e pensamento do movimento negro trazida pelo carnavalesco mobilizou a escola para um outro caminho na sedimentação não só de seus enredos, mas também na visão de seus componentes, que aderiram a agenda do enredo que a MUM levou para avenida. Isso ficou evidente na participação de Anielle Franco, irmã da Marielle Franco,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

na gravação da faixa da agremiação para o álbum do carnaval de 2020, que gerou um impacto nos componentes da agremiação.

E, encerrando esse processo de criação e formação de identidades, vale destacar uma manifestação em formato de caminhada no sambódromo, ocorrida antes do primeiro ensaio técnico da escola. Nesse encontro, como conta André Rodrigues (2020 – em entrevista):

Um monte de gente do Movimento Negro com um monte de gente de carnaval, todo mundo junto na porta do hotel Anhembi, basicamente ali na porta, um pouquinho antes, e a gente começou a conversar sobre isso, sobre a importância do enredo, sobre o que a gente queria com aquele enredo. E aí era uma força muito grande aquilo, a gente começou a chorar, era uma coisa muito forte, era uma potência muito grande.

Entre os participantes dessa caminhada, estava a deputada estadual pelo PSOL Erica Malunguinho, da Mandata Quilombo, que proferiu um discurso que se tornou um impulsionador de uma voz de combate ao racismo, à intolerância e à violência contra o negro.

O presidente da escola, Rafael Falanga, recorreu à fala da deputada para enfatizar que a MUM não abriria mão de um enredo com conteúdo. Essa participação de agentes da luta antirracista era a prova que o discurso e as representações que a instituição trazia desde 2018 alcançaram um nível maduro e consciente de suas potencialidades.

De Oyó a Abdias: a construção audiovisual de uma luta antirracista

O que é de mais importante nos desfiles compõe a descrição da sinopse e, por consequência, fundamenta a elaboração dos sambas-enredos das escolas é a profunda presença de uma afirmação da negritude. As duas sinopses dos eventos aqui analisados trazem características distintas: enquanto a de 2018, sobre a santíssima trindade de Oyó, apresenta um tom mais diluído e, de certa maneira, mais poético, a sinopse de 2020 se constrói a partir da potência de denúncia que a obra de Abdias Nascimento exige.

Outro detalhe é que, em ambos os desfiles a figura de Xangô tem um papel importante na narrativa de seus desenvolvimentos. Em 2018, Xangô é o enredo, mesmo que diluído na trinca de santos que a agremiação canta. Já em 2020, Xangô vem ao lado

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de Exu, os dois regendo implicitamente o enredo, o primeiro tratando da busca por justiça e poder ao povo preto, e o segundo abrindo os caminhos para essa batalha.

A mensagem contra a intolerância religiosa, porém, aparece de forma branda na escrita do enredo e no próprio samba-enredo, de 2018. Como o trecho da sinopse aponta, “nosso desfile, que reúne referências de ambas as religiões, propõe misturá-las e provar que o sincretismo é a maior prova de tolerância religiosa”¹. O tolerar em si se encontra em um gesto de limitação do reconhecimento desta autonomia, porém, a principal mensagem era mostrar a lógica de respeito e justiça no Estado brasileiro.

Como podemos perceber nos relatos do carnavalesco, a visão da escola quanto ao discurso da negritude foi se modificando, e ela estava preparada para um tom mais pesado, o que é visível na sinopse desenvolvida por André Rodrigues e Willian Tadeu. A ideia central descrita no enredo de 2020 é mostrar que a luta de Abdias vive dentro de cada pessoa, como expressa o trecho a seguir:

Se quiser saber quem sou, procure nos barracos furados pelas balas da intolerância, nos filhos de famílias metralhadas pelo racismo, nos negligenciados pela ignorância. Ao sentir viva a resistência, ao testemunhar a ascensão de mais um quilombola contemporâneo, encontrará ali mais um Abdias, do Nascimento de um novo Brasil.²

Os dois enredos geraram sambas-enredos que versam e absorvem a lógica proposta nesta ideia. Embora os dois sambas não passem por uma disputa de samba-enredo, a elaboração deles é decidida e desenvolvida dentro da própria escola. O primeiro deles, no desfile 2018, foi composto por Dom Marcos, Vitor Gabriel, Gui Cruz, Rodrigo Minuetto, Rodolfo Minuetto, Portuga, Luciano Rosa, Marçal e Reinaldo.

Que santo é que vai girar nesse terreiro/ Firma o ponto batuqueiro, pra saudar meu Orixá/ Rei da justiça, guardião da minha fé/ Kaô Xangô Kabesile axé/ Kaô Xangô Kabesile axé/ Acendo velas no altar ôôô/ De cada santo faço meu Orixá/ Sincretizado na fé/ Sou carregado de axé/ Axé que reina no conga/ Em devoção vou seguindo em romaria/ Levando no peito a fé que me guia/ De São João Batista a purificação/ Jerônimo traz a força do leão/ E numa centelha de luz/ No céu reluz, São Pedro guardião/ Rufa o aluja, para o Rei Maior/ Salve o grande Alafin de Oyó/ E quando no céu trovejou/ Seu nome na Terra ecoou/ Tu és o protetor do meu caminho/ Quem faz a justiça

¹ Trecho retirado da sinopse do desfile. Disponível em: <http://mocidadeunidadamooca.com.br/enredo-2018/sinopse-2018/>. Acesso em: 04 maio 2021.

² Idem.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

reinar/ Lá no alto da pedreira/ Seu oxé a me guiar/ Num país unido em devoção/
A Mooca canta em oração.³

Podemos observar no samba – e na sinopse – que o enredo apresenta três momentos distintos: o primeiro é o congá, espaço que se torna híbrido entre os santos e o próprio Xangô; depois, as formas de representação de cada um dos santos bem como de suas respectivas qualidades; e, na terceira parte, a ideia de Xangô que converge nas qualidades de cada santo.

Essa divisão também fica evidente no próprio desfile, que, primeiro, traz uma abertura barroca, cuja maior representação estava na comissão de frente, com uma coreografia encenada por doze pessoas que faziam referência a diversos tipos de fiéis, seja na matriz negra ou católica, e, atrás deles, um tripé de um altar. Em determinado momento, as portas se abriam e, dela, saía Xangô. Ao final da apresentação, uma faixa com os dizeres “não à intolerância religiosa” era erguida (Figura 1) e rompida ao meio pelo machado de Xangô.

Figura 1 – Comissão de frente



Fonte: Canal Brasileiro por Opção.

Além do aspecto do sagrado católico e da presença de Xangô, o desfile prosseguiu uma estética europeia nas vestimentas, porém mesclando com o popular, trazendo fitas e representações juninas. E, por fim, a decisão foi apresentar Xangô sem a ideia de rafia ou outros elementos rústicos, como foi feito pela agremiação Acadêmicos do Salgueiro nos

³ Samba disponível em: <http://mocidadeunidadamooca.com.br/enredo-2018/samba-2018/>. Acesso em: 04 maio 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anos 1960 – opção da MUM que acaba por promover uma releitura do negro dentro dos desfiles.

No desfile de 2020, a escola novamente opta por um samba-enredo feito internamente, porém com outro tom, agora mais questionador. A obra composta por Vitor Gabriel, Minuetos, Gui Cruz, Portuga, Luciano Rosa, Reinaldo, Marçal, Imperial, Clayton Reis, Rafael Falanga e Dom Marcos (in memoriam) traz uma narrativa de maior indagação, acompanhando, desse modo, o processo de transformação da MUM:

Ecoa o clamor da resistência/ A negra voz que ilumina a consciência/ Tingindo de preto os palcos de marfim/ O sonho de Palmares renasce em mim/ Ôôô... pelo povo e meus irmãos/ Ôôô... minha luta não foi em vão/ A luz de Aruanda na ribalta/ Liberta as amarras da realidade/ Arranca a mordaca e diz a verdade/ **Kaô kaô... kabecilê Xangô/ Teu leão de batalha eu sou/ Aos olhos do rei, a justiça revela/ Poder ao povo da favela/** Convoco tambores de axé/ Num elo de fé, por nossa raiz.../ Não deixem cair no comum,/ Confundirem mais um,/ Sangra nosso país!/ Vem, meu irmão,/ À luta contra a intolerância/ Estou presente em cada coração/ Resistindo a ignorância/ Eu sou a força de quem nunca desistiu/ O “Nascimento” de um novo Brasil/ **Eu tenho o meu valor/ Respeite a minha cor.../ Só quero paz e igualdade/ Sob a luz de Olorum, uma história de atitude/ A Mooca é a voz da negritude.**⁴

A narrativa do samba é muito mais decidida em sua conclusão, absorvendo de forma direta o discurso de embate do próprio carnavalesco idealizador. Aqui, temos a visão das oposições existentes: a exclusão do corpo negro, expressada ao tingir de preto os palcos de marfim; a denúncia a violência, ressaltando a necessidade de não naturalizá-la, de não inferiorizar o corpo preto – nesse aspecto, uma clara influência da obra de Abdias. E, como André Rodrigues (2021) menciona, a ideia é a do nascimento de um novo Brasil, tendo a noção de *nascimento* um duplo sentido, já que ela exige que enxerguemos o quanto de Abdias temos em nossa luta.

O desfile ele se divide em quatro atos: o sonho, representado no encontro entre os degradados e o próprio homenageado, que tem em Exu e Ogum essa reunião da rua com o palco do teatro. Porém, nessa representação, tudo se desenvolve com grandeza e luxo, e as esculturas que são tradicionalmente eurocentradas foram colocadas em tons de preto e com grafismos de inspiração africana (Figura 2).

Figura 2 – Carro Abre Alas da MUM

⁴ Samba disponível em: <https://ipeafro.org.br/2020/02/>. Acesso em: 04 maio 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

Na sequência, no Ato Ficção, esses pretos são postos dentro do teatro, em alusão ao impulso que Abdias proporcionou a partir de peças como *Imperador Jones*, *Filhos Pródigos* etc., dando ênfase à peça *Orfeu*. Mas é no Ato da Realidade que o discurso da escola, do carnavalesco, do samba e do estético promove uma catarse. Como André comenta, “aí acontece essa grande guerra, e é a guerra da palavra. É o Abdias indo à guerra, só que ele vai à guerra com isso, com vontade de expressão, com seus discursos e tudo mais” (RODRIGUES, 2021 – em entrevista). Nessa batalha, aparece a figura de Xangô, que guia uma luta pelo verbo, discurso e pelo protesto.

O protesto se desdobra em duas partes: uma ala manifesto (Figura 3), com pessoas do movimento negro, LGBTQIA+, cadeirantes e deficientes que, sem fantasia, encenam uma luta real, batalham em uma realidade de constante ataque; o segundo momento de protesto está na alegoria da favela (Figura 3), na qual uma comunidade se torna um cemitério em estilo gótico e com um leão (símbolo de Xangô). Na visão do carnavalesco, “se a gente não luta, se a gente não protesta, se a gente não faz, as nossas favelas vão se transformando aos poucos em cemitérios, então ou são lugares de morada, ou são lugares de morte” (RODRIGUES, 2021 – em entrevista).

Figura 3 – Ala Protesto / Carro Favela

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

O desfile se encerra com a ideia de fortificação e diálogo entre os diversos grupos – este último principalmente, representado no último ato, denominado resistência. Nesse encontro de diálogos, vemos os caboclos da Umbanda, o espírito da revolta dos búzios e os filhos de Gandhi, terminando com referências negras que continuam esse discurso e posicionamento de luta de Abdias Nascimento.

Considerações finais

O processo de construção de identidade de uma escola de samba é bastante complexo e envolve constantes mudanças. O projeto de agremiação que a MUM tem adotado desde 2018 tem na figura de André Rodrigues uma forte referência, partindo das ideias e vivências do carnavalesco para edificar seu discurso e estética. A união desse artista e a escola criou um posicionamento potente e combativo na luta e no empoderamento do negro em sociedade.

Não que a MUM seja uma instituição que carrega o corpo preto em sua identidade e formação, mas ela assumiu esse discurso em sua constituição enquanto escola de samba. A construção de uma agremiação é feita por inúmeros sujeitos, que a marcam de forma direta ou indireta. Nesse caso específico, a passagem de André Rodrigues pode não ter transformado a MUM em um quilombo urbano da luta preta, mas é evidente que incluiu um legado de posicionamento e de enfrentamento social em sua sedimentação, nos diversos quadros que compõem a escola da Mooca.

Referências

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BLASS, Leila. **Desfile na avenida trabalho na escola de samba**. São Paulo: Annablume, 2007.

GONZALEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. Entrevista à Revista Seaf. *In: Revista 224Arte & Ensaio* – PPGAV/EBA/UFRJ, n. 38, jul. 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petropolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma luta panafricanista**. 3. ed. São Paulo: Perspectivas; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. [livro eletrônico]

RODRIGUES, André. Entrevista *on-line* concedida a Emerson Porto Ferreira. Rio de Janeiro/Guarujá, 29 mar. 2020.